

Segmentação, Terciarização, Espaço

MARIA REGINA NABUCO

Resumo

O artigo analisa as recentes transformações nas estruturas de emprego dos países industrializados. Enfatiza, principalmente, o processo de segmentação da força de trabalho visto como uma forma através da qual o capitalismo busca resolver seus problemas intercapitais. A terciarização da estrutura econômica é o ponto de conexão do estudo em que se analisam as relações desse fenômeno com a reestruturação industrial, com a segmentação do mercado de trabalho e com a redistribuição das atividades econômicas no espaço.

Palavras-chave: terciarização, reestruturação industrial, segmentação do mercado de trabalho, espaço, estrutura sócio-econômica, desindustrialização, divisão internacional do trabalho.

Abstract

This article analyses the recent changes in the employment structures of industrial countries. It focus mainly on the process of segmentation of the labor force, seen as a form whereby capitalism tries to solve its inter-capital problems. The tertiarization of the economic structure is the connecting point of the study, which examines the relations of this phenomenon with industrial restructuring, labor market segmentation and redistribution of the economic activities in space.

Key words: tertiarization, industrial restructuring, labor market segmentation, space, socio-economic structure, de-industrialization, international division of labor.

Introdução

A crise do capitalismo mundial, que se tornou evidente no final dos anos setenta, originou profundas transformações nas relações de trabalho. Estas transformações têm sido analisadas a partir de, pelo menos, dois pontos de vista: 1) da segmentação da força de trabalho e 2) das relações salariais.

A autora é Professora Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas e pesquisadora do CEDEPLAR/UFMG.

No primeiro caso, o aspecto mais ressaltado tem sido a crescente terciarização da mão-de-obra, tanto com o respeito ao segmento primário independente (altamente qualificado), quanto ao secundário (não qualificado). Como contrapartida da terciarização, tem sido também analisada a perda de importância relativa da força de trabalho primária subordinada (*blue-collars*) (NO-YELLE, 1983a).

Do ponto de vista das relações salariais, os estudos apontam para o aumento do desemprego, perda de importância do setor público na gestão das relações salariais e redução dos benefícios sociais como fração do PIB (BOYER, 1986).

Este trabalho restringe-se ao âmbito das análises do primeiro grupo, isto é, da segmentação da força de trabalho, vista como uma forma através da qual o capitalismo busca resolver seus problemas de competitividade intercapitais. Embora a questão das relações salariais não seja aqui especificamente tratada, ela estará, no entanto, subjacente à análise, como parte fundamental das motivações que levam as corporações a segmentarem sua força de trabalho.

1. Reestruturação Industrial e Terciarização

A expansão do setor terciário em algumas economias industriais é o fenômeno que antecede a crise capitalista do final dos anos setenta. Na Inglaterra, por exemplo, entre 1960 e 1973, o emprego aumentou 16% no conjunto dos serviços públicos e privados, ao passo que se reduziu em 7% no setor manufatureiro (WARD, 1986).

Se nos anos sessenta e setenta tal fato pode ser atribuído a características peculiares do desenvolvimento de alguns países (insuficiência industrial, como foi o caso da baixa competitividade das indústrias britânicas naquele período, da ampliação dos serviços públicos nas economias keynesianas do “Estado do Bem-Estar” e da crise de estagnação nas economias terceiro-mundistas etc), na década de oitenta a generalização deste processo nos países industrializados tem outra explicação.

Trata-se aqui do que se convencionou chamar de “desindustrialização”, isto é, a substituição de plantas industriais de tecnologia convencional por outras de alta tecnologia. Rompe-se o paradigma anterior do desenvolvimento capitalista baseado na metal-mecânica e surgem, através da destruição criadora “schumpeteriana”, novos processos tecnológicos, onde a micro-eletrônica ocupa lugar destacado.

Vários são os efeitos sobre a divisão internacional do trabalho deste novo paradigma industrial, que vão desde o chamado “fordismo periférico” (LIPIETZ, 1984, 1988) quando se exportaram para países periféricos as “linhas de mon-

tagem" das indústrias dos países centrais, até novos processos tecnológicos em expansão dentro dos próprios países centrais, tais como o chamado "crescimento sem trabalho", com ênfase na automação. Além destes novos recursos capitalistas, outros de evidência recente podem ser lembrados, tais como a despadronização, flexibilidade, mudanças de *design*, economias de amplitude (e não somente de escala), integração sistêmica e fluxos contínuos etc. (RATTNER, 1989; NABUCO, 1989).

No entanto, um dos resultados mais visíveis deste processo de reestruturação industrial tem sido a perda de importância deste setor no emprego total dos países centrais. No Reino Unido, por exemplo, de 1973 a 1983, a proporção do emprego industrial caiu de 30% para 23% do emprego total. No setor serviços, ao contrário, o emprego se expande, no mesmo período, de 57% para 64% do total (WARD, 1986). Como resultado deste processo de "desindustrialização", há ampliação do desemprego e um forte refluxo dos conflitos trabalhistas (tabela 1).

O processo de desindustrialização significa, como contrapartida, o sucesso dos métodos "tayloristas" na indústria: comercialização, financiamento, seguro e engenharia se desenvolvem para acompanhar de perto a produção em massa. E desenvolvem-se tanto, que passam a ganhar autonomia em relação às firmas e, em certos casos, chegam mesmo a comandar a dinâmica destas últimas. Os melhores exemplos dos "serviços avançados" dentro das firmas são os chamados serviços dos *headquarters*, onde se incluem consultoria jurídica e financeira, desenho, pesquisa e desenvolvimento.

Também nos Estados Unidos é visível a expansão recente da participação do terciário no emprego (NOYELLE, 1983a). Através da análise das várias modalidades de atividade que compõem o setor serviços (de acordo com o papel que estes desempenham na economia como um todo, sua estrutura interna e seus requisitos com relação à força de trabalho), esse setor foi classificado em seis grupos: distributivos, produtivos, a varejo, de consumo, não lucrativos, públicos. Os dois primeiros referem-se a insumos intermediários com respeito ao processo de produção. Os serviços distributivos são as atividades envolvidas na distribuição de bens e serviços, entre os produtores ou entre produtores e varejistas. Os serviços produtivos são atividades que assistem firmas usuárias na condução de suas funções administrativas, de planejamento e financeiras. Os serviços a varejo, de consumo (hotel, conserto de automóveis, cinema etc), não lucrativos (saúde e educação) e públicos são considerados como serviços finais.

A tabela 2 mostra a evolução da participação dos diferentes setores produtivos da economia dos Estados Unidos (agricultura, setor extrativo e transformativo, manufatureiro e serviços) no emprego e no PNB, no período 1947/77. Os dados mostram que, à semelhança das principais economias européias,

TABELA 1

DESINDUSTRIALIZAÇÃO, ASCENSÃO DO TERCIÁRIO, DESEMPREGO
E REFLUXO DOS CONFLITOS TRABALHISTAS

	França	Reino Unido	Irlanda	Bélgica	Espanha	Itália	RFA
Desindustrialização							
Taxa anual média							
Emprego							
1960-73	0,9	-0,6	2,1	0,1	n.d.	0,8	0,1
1973-81	-1,4	-2,9	2,0	-3,0	n.d.	0,0	-1,4
F.B.K. Fixo							
1960-73	7,1	1,8	n.d.	4,5	n.d.	4,2	2,8
1973-81	-0,6	-2,5	n.d.	-1,9	n.d.	-2,0	0,7
Ascensão do Terciário							
% População Ativa Ocupada							
1973	48,9	54,6	44,2	54,7	39,0	42,5	45,2
1979	54,7	58,6	48,1	61,3	44,2	47,4	49,9
1983	58,0	63,7	51,6(*)	64,7(*)	48,4	51,6	52,9
Desemprego							
1973	1,8	2,4	5,6	2,8	2,5	4,9	1,0
1979	6,0	4,9	7,4	8,4	8,5	7,5	3,3
1985	12,4	11,7	16,5	14,8	21,5	12,9	8,5
Refluxo dos Conflitos							
do trabalho: nº de dias de greve/1000 assalariados							
1973-79	440	501	776	238	490	1.490	44
1980-82	106	313	532	69	n.d.	1.095	3

Nota: (*) 1982

Fonte: BOYER (1986, tabela 16, p. 216).

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE EMPREGO EQUIVALENTE DE
HORÁRIO INTEGRAL E PRODUTO NACIONAL BRUTO POR INDÚSTRIAS:
ESTADOS UNIDOS 1947, 1969, 1977 (Valores constantes de 1972)

	1947		1969		1977	
	Emprego	PNB	Emprego	PNB	Emprego	PNB
Agricultura, Extração e Transformação	43,39	37,38	35,09	35,99	31,60	32,81
– Agricultura	4,31	5,57	1,74	3,06	1,90	2,87
– Extração e Transformação	39,08	31,81	33,35	32,93	29,70	29,94
Manufatura	32,27	24,53	27,66	25,60	24,10	24,18
Serviços	56,61	62,68	64,91	64,03	68,40	66,09
– Distributivo	13,54	13,36	10,97	15,00	11,36	16,51
– Produtivo	6,06	15,50	10,03	18,26	11,96	20,12
– A varejo	12,57	11,06	13,00	9,78	14,18	9,89
– De consumo	7,67	5,47	5,75	3,35	4,99	3,11
– Não lucrativo	2,61	2,67	4,67	3,58	6,34	4,04
– Públicos	14,16	14,62	20,48	14,07	19,57	12,43
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: NOYELLE (1983a, tabela 81, p. 119).

também nos Estados Unidos o setor serviços expandiu-se rapidamente, como proporção do emprego total e do PNB. Mas, o mais importante a ressaltar é o rápido crescimento dos serviços produtivos (11,96% e 20,12% do emprego e do PNB, respectivamente, em 1977), em contraste com os serviços a varejo e de consumo, estes até então considerados como as atividades mais responsáveis pelo crescimento dos serviços na economia americana. Em termos do PNB, os serviços distributivos e produtivos juntos crescem de uma participação de 29% em 1947 para 37% em 1977.

A razão para este rápido crescimento dos serviços distributivos e produtivos parece residir na crescente complementaridade entre serviços e bens finais que o processo de diferenciação da produção tem gerado. A grande segmenta-

ção dos mercados de consumo induz as empresas a se preocuparem cada vez mais com Pesquisa e Desenvolvimento, com diferentes linhas de produção, com a administração dos negócios cada vez mais complexos etc.

Esta diversidade nos ritmos de expansão das várias modalidades de serviços, distinguindo a dinâmica dos serviços “avançados” dos demais, basicamente denominados “informais” (exceto os públicos) não é característica apenas dos países centrais.

No caso do Estado de São Paulo, Kon (1985) aponta para o forte grau de dinamismo do setor terciário moderno nas duas últimas décadas. Segundo a tabela 3, a participação dos serviços avançados ampliou-se rapidamente no total do PIB do setor terciário paulista. O destaque especial cabe às atividades financeiras, que passam de 7,0% em 1970, para 31,9% em 1983.

Do ponto de vista do emprego, os dados levantados por Gonçalves e Semeghini (1989), mostram, também para o Estado de São Paulo, a rápida expansão dos serviços produtivos e distributivos (ao lado dos serviços pessoais e sociais), em contraposição ao pequeno dinamismo demonstrado pelos serviços próximos ao chamado setor informal (como os serviços de reparação, comércio ambulante e serviço doméstico remunerado) (tabela 4).

Apesar da maior aproximação da estrutura de emprego do terciário paulista com relação aos padrões internacionais modernos na década de setenta, deve-se, no entanto, apontar para profundas e persistentes diferenças, tais como a importância do serviço doméstico remunerado, que constituía em 1980 13,4% do emprego no terciário e 7,5% da PEA urbana do Estado de São Paulo.

2. Segmentação do Mercado de Trabalho e Terciarização

O processo de “desindustrialização” ou terciarização da economia trouxe profundas repercussões sobre a dinâmica e a segmentação do mercado de trabalho. A de ordem mais geral foi a polarização da mão-de-obra, que se expandiu nos dois extremos do mercado de trabalho, isto é, nos empregos primários independentes (técnicos, profissionais e administrativos, que requerem algumas qualificações gerais; altos salários e recompensas a características pessoais de iniciativa e habilidade analítica geral etc) e nos secundários, (oferecidos por pequenas firmas, lojas ou escritório, baixos salários; pouca demanda de qualificação; nenhuma oportunidade para progressão funcional etc) (GORDON, 1979). O segmento médio – empregos primários subordinados (baixos requerimentos de habilidades gerais; algumas habilidades adquiridas através da experiência no emprego etc) vem tendo sua existência questionada, tendo em vista as conquistas trabalhistas que conseguiram ao longo de sua

TABELA 3

**PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO PIB DO SETOR TERCIÁRIO,
A PREÇOS CORRENTES DE MERCADO,
SEGUNDO OS GÊNEROS E CLASSES DE SERVIÇOS
ESTADO DE SÃO PAULO 1970 – 1975 – 1980 – 1983**

Gêneros e Classes de Serviços	Preços Correntes			
	1970	1975	1980	1983
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
– Comércio	47,6	43,8	41,4	31,4
– Transporte, Comunicação, Armazenagem	5,0	6,3	7,9	7,0
• Transportes	3,4	5,5	6,6	5,6
• Comunicações	1,3	0,6	1,0	1,2
• Armazenagem	0,4	0,3	0,2	0,2
– Ativ. Finan, B. Imóveis, Serv. Empr.	30,5	29,3	33,4	47,2
• Atividades Financeiras	7,0	9,8	16,5	31,9
• Bens Imóveis	22,1	16,2	14,0	12,8
• Serviços às Empresas	1,3	3,2	2,9	2,4
– Serv. Comunitários, Sociais e Pessoais	16,9	20,6	17,4	14,5
– Serv. Pessoais e Domiciliares	4,1	4,4	4,2	3,9

Fonte: KON (1985, tabela 13, p. 198).

história sindical. Há alguns estudos de caso – como o de Clark (1986), para a indústria automobilística do Meio-Oeste americano – que atribuem o processo de desindustrialização daquele setor (inclusive, com o abandono de várias plantas) à cristalização de ganhos operários nas lutas sindicais, causando o desemprego de cerca de 50% dos operários, em uma de suas mais importantes firmas – a General Motors, no período 1980-86.

A tabela 5, a seguir, mostra a polarização do mercado de trabalho por classe de renda no período de 1970/80.

Segundo Noyelle (1983a), há pelo menos três motivos principais para a redução da importância dos segmentos médios. O primeiro é a expansão dos

TABELA 4
ESTRUTURA DO SETOR TERCIÁRIO PEA - ESTADO DE SÃO PAULO
1970/80

Categorias do Terciário	% sobre 1970	Terciário 1980	Taxa Anual Cresc. 70/80	Empregos Gerados % sobre Terciário
Serv. Distributivos	30,4	31,1	5,6	32,0
Serv. Produtivos	10,4	14,7	9,1	21,1
Serv. Pessoais	11,6	12,4	6,0	13,6
Serv. Sociais	15,8	18,6	7,1	22,8
Serv. de Reparação	3,7	3,4	4,5	2,9
Serv. de Segurança	3,3	2,9	3,8	2,2
Comércio Ambulante	1,9	1,6	3,6	1,2
Serv. Doméstico Remunerado	16,8	13,4	3,0	8,5
Outros Serviços	6,1	1,9	-6,2	-4,3
Total Setor Terciário	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GONÇALVES & SEMEGHINI (1989, tabela 3).

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO TOTAL(*)
NOS ESTADOS UNIDOS, SEGUNDO CLASSES DE RENDA – 1970 e 1980

Classes de Renda	Distribuição da Força de Trabalho (%)			
	1970		1980	
1,60 e +	11,3	32,2	12,9	37,0
1,59 a 1,30	20,9		24,2	
1,29 a 1,00	18,9	35,8	12,8	24,5
0,99 a 0,70	16,9		11,7	
0,69 a 0,40	22,8	32,0	25,2	38,5
0,39 e -	9,2		13,3	
Total	100,0		100,0	

Nota: (*) Trabalhadores civis de 14 anos e mais segundo renda monetária.
Fonte: SASSEN - KOOB (1986a, tabela 3).

serviços que ampliaram, ou os empregos secundários (como os serviços a varejo e de consumo – hotelaria, *fast food* etc), ou os primários independentes (como os serviços distributivos e públicos, onde se emprega gente de maior qualificação). Os serviços produtivos e não lucrativos, por sua vez, oferecem uma mistura de secundários e primários independentes (funcionários de escritório, burocratas).

A segunda razão é que as funções típicas do segmento médio nas indústrias vêm sendo substituídas por ocupações *white-collars*, com o desenvolvimento dos “escritórios centrais”, com mais amplas funções para os administradores e demais profissionais liberais. Finalmente, a nova divisão técnica do trabalho nas indústrias – como a eletrônica, por exemplo – cria novas funções técnicas especializadas, diferenciando estes profissionais dos chamados *blue-collars*.

Uma razão adicional poderia ser listada como causa da redução dos trabalhadores médios. Trata-se do processo de subcontratações, utilizado pelas grandes firmas para adquirir maior flexibilidade frente às demandas de seus produtos e para reduzir os custos com mão-de-obra. Através da subcontratação, grande parte da atividade da grande firma é separada para firmas médias e mais dispersas, dificultando a organização sindical dos trabalhadores. Neste sentido, há também uma forte tendência de mobilidade destes trabalhadores em direção a esquemas não-fordistas de relação de trabalho, entre os quais se incluem a ampliação do tempo parcial, da rotatividade dos postos de trabalho e do uso cada vez mais freqüente da mão-de-obra não qualificada e de baixos salários (ver, a respeito da expansão da especialização flexível e suas consequências sobre a organização do trabalho, SCOTT, 1986; PIORE & SABEL, 1984; LAUTIER, 1984).

A multinacionalização das grandes firmas dos países centrais é também citada como uma das principais causas da segmentação da força de trabalho naqueles países. A dispersão das plantas pelos diversos países cria a necessidade de um controle administrativo para organizar o sistema global de produção e a força de trabalho global. As chamadas “cidades globais”, como Nova York, São Francisco etc, polarizam com suas “mercadorias organizacionais” o mundo periférico e também o interior dos próprios países centrais.

Estes “centros de serviços” têm a maior parte de sua força de trabalho empregada nos *headquarters* das grandes corporações, em instituições financeiras e serviços públicos, ampliando, assim, as oportunidades de emprego para uma mão-de-obra de elevada qualificação. Mas apresentam também grande expansão de empregos de baixos salários, o que se explica a possibilidade de absorção de altos níveis de imigração e a informalização de um número crescente de atividades (construção civil, *fast-food*, pronta-entrega, limpeza e con-

servação da infra-estrutura urbana, serviços para a *gentry* elegante da cidade etc) (SASSEN-KOOB, 1986a).

3. Terciarização e Espaço

A segmentação do mercado de trabalho, em direção à maior importância do segmento terciário nos anos recentes, causou profundos impactos sobre a estrutura espacial internacional e regional, com ênfase na distribuição hierárquica das cidades. Segundo Noyelle (1973 b) um novo sistema de cidades está surgindo com 1) centros orientados para os serviços (*decision-making centers*) e, 2) centros dependentes (orientados para a produção – industriais, mineiros, militares; e orientados para o consumo – residenciais). Esta nova hierarquia urbana mostra que não são mais os grandes centros manufatureiros que fornecem a dinâmica da economia nacional ou regional. Ao contrário, são os centros de serviços que constituem o requisito prévio do processo de industrialização. São eles que organizam e expandem a produção através de um sistema cada vez mais internacionalizado de relações econômicas.

Mollenkopf (1983) contrasta o desenvolvimento das cidades do Nordeste e Sul dos Estados Unidos, através do dinamismo que o setor de serviços “avançados” está conferindo às primeiras. As cidades do Nordeste contêm 219 das maiores firmas de serviços, enquanto o Sul acolhe apenas 48 destas empresas. Sete grandes cidades do Nordeste contêm metade de todas as grandes firmas de serviços jurídicos, enquanto as do Sul têm apenas 1/8 das mesmas. Desta forma, organizações multilocacionais, cujo “quartel general” se localiza em Nova York ou Boston, se beneficiam do crescimento de cidades como Phoenix ou Denver, exportando para estas vários serviços, entre os quais, os financeiros e legais.

Também Gonçalves e Semeghini (1989) mostram que no processo de desconcentração econômica do município de São Paulo em direção ao resto do Estado, no período 1970/80, foi no setor terciário que tal desconcentração se deu de forma menos intensa. Além disso, segundo os autores, o grau de concentração do terciário na Capital (42,3% em 1980) era superior ao da própria população urbana do Estado, reunida na Capital (37,6% no mesmo ano). Desta forma, este processo de transformação espacial dos serviços pode ser denominado de “desconcentração centralizada”, onde os serviços chamados “produtivos” continuam fortemente sediados na Metrópole (54,6% do total), enquanto os Serviços Sociais, parte dos Serviços Pessoais e os Distributivos sofrem um visível processo de interiorização.

Mas os rebatimentos espaciais do mercado de trabalho dual (primário independente x secundário, neste último classificando-se todos os trabalhadores

de baixa qualificação profissional, inclusive os operadores de linha de montagem industrial) não se dão apenas ao nível interurbano. Sassen-Koob (1986 b) aponta para as repercussões intra-urbanas, em grandes centros metropolitanos, da segmentação do mercado de trabalho. A passagem para a economia de serviços resulta na criação de uma grande parcela de empregos de baixa remuneração nas cidades. Em Nova York, no princípio desta década, 16% dos empregos nas principais indústrias prestadoras de serviços incluíam-se na categoria de baixos salários. Além disto, há uma criação indireta deste tipo de emprego, induzida pelas altas rendas geradas pelos serviços “avançados” e situada na esfera do consumo de mercadorias. Este tipo de consumo das classes de renda alta é intensivo em mão-de-obra, diferentemente do consumo da classe média, que representa um processo tipicamente intensivo em capital (construção de estradas, casas, automóveis, equipamentos domésticos etc). As classes altas (*gentry*), ao contrário, consomem produtos de *boutiques*, *delikatessens* etc, onde não há possibilidade de produção em massa.

A elevada rentabilidade financeira dos centros urbanos de serviços (alto coeficiente de exportação de tais serviços para outras regiões e países) é a origem da produção destas atividades de consumo. O mercado de trabalho urbano é assim reforçado pela incorporação de novos trabalhadores, não qualificados, ao processo dinâmico de expansão destes centros.

A expansão da demanda por mão-de-obra barata, por parte do setor serviços nos grandes centros, transforma a face urbana, redistribuindo os empregos espacialmente. No caso das grandes metrópoles americanas, a forma urbana “fordista” – empregos no centro da cidade e domicílio dos operários qualificados nos subúrbios (pós-anos sessenta) cede lugar a outra organização do trabalho. Trata-se da chamada “suburbanização dos escritórios”, ou seja, o deslocamentos de alguns serviços do centro das cidades, em direção aos subúrbios, evitando-se os gastos de transporte dos trabalhadores de escritório, em geral de sexo feminino e de baixa remuneração.

Para que isto fosse possível, foram necessários os avanços recentes na microeletrônica e na tecnologia de telecomunicações. Desta forma, foi possível separar-se espacialmente os escritórios setoriais de escritório central, por meio de ligações feitas através de terminais de computadores.

Segundo Nelson (1986), a relocação dos escritórios (*back-offices*) nos subúrbios se deve a uma contradição na estrutura do mercado de seus funcionários administrativos (*clerical work*). Embora trabalhadores de baixo salários, os funcionários administrativos de escritórios informatizados apresentam alguma especialização e treinamento. Desta forma, diferem daqueles sem qualificação, que podem ser encontrados em qualquer lugar. E diferem também dos profissionais liberais altamente qualificados – que apresentam grande mobilidade espacial, tendo em vista seus elevados salários. As características de-

mandadas pelo setor de serviços e seus *back-offices* são principalmente alto desempenho (qualquer erro oferece custos elevados para a firma) e docilidade (alta resistência à militância), mas oferecendo baixa remuneração.

Por este motivo, a localização urbana dos serviços deste gênero tende a acercar-se de uma oferta de trabalho principalmente feminina, internamente controlada, tanto por sua posição de classe (média), quanto pela ausência do poder no mercado de trabalho (NELSON, 1986). A conjunção do domicílio e do acesso ao mercado de trabalho torna-se, pois, cada vez mais importante na análise da localização espacial dos serviços, enquanto provê novos desenhos para a configuração urbana.

Conclusões

Os estudiosos da questão regional e urbana não podem hoje ignorar os impactos da divisão inter-regional do trabalho sobre a realocação espacial da atividade econômica. A expansão das "cidades globais" causou profundas transformações na organização industrial dos países centrais e periféricos. A "desindustrialização" polarizou o mercado de trabalho, reduzindo em termos relativos (e, em alguns casos, absolutos) a força de trabalho, considerada classicamente como operariado. Se isto é fenômeno já visível na grande maioria dos países europeus capitalistas e nos Estados Unidos, nos países periféricos alguns sinais iniciais desta tendência começaram a surgir no início desta década. No caso brasileiro, São Paulo concentra a maior parte do terciário avançado, constituindo uma nova polarização em relação ao resto do país.

Este fato desmente a idéia de que São Paulo vinha perdendo a importância relativa quanto ao resto da economia do país. O fato de a atividade industrial convencional ter sofrido um processo de desconcentração a partir daquele Estado não significou que os desequilíbrios regionais tenham se reduzido. Ao contrário, pode-se pensar, à luz das experiências internacionais aqui arroladas, que estamos diante de uma dinâmica dos serviços avançados, capaz de produzir desigualdades ainda mais preocupantes do ponto de vista dos diferentes segmentos horizontais e regionais do mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

- BOYER, R. Rapport salarial, croissance et crise: une dialectique cachée, In: BOYER, R. (org.) *La flexibilité du travail en Europe*. Paris, La Découverte, 1986.
- CLARK, G. L. The crisis of midwest auto industry. In: SCOTT, A.J. & STORPER, M. *Production, work, territory*. Boston, Allen & Unwin, 1986.
- GONÇALVES, M. F. & SEMEGHINI, U.C. *O terciário na urbanização paulista: notas preliminares para discussão*. Trabalho apresentado no Encontro da ANPUR 3, Águas de São Pedro, 8-11 de maio, 1989 (mimeo)

- GORDON, D. M. *The working poor: towards a state agenda*. Washington, D.C., The Council of State Planning Agencies, 1979.
- KON, A. *Mensuração e avaliação das atividades terciárias da economia paulista*. São Paulo, FEA/USP, 1985 (Dissertação de mestrado).
- LAUTIER, B. Secteur informel et emploi: l'enseignant des pays sous-développés. Paris, *Critiques de l'Economic Politique*, (28): 77-92, juil/sept. 1984.
- LIPIETZ, A. As transformações na divisão internacional do trabalho: Considerações metodológicas e esboço de teorização. São Paulo, *Espaço e Debates*, (12):66-94, Ano IV, 1984.
- . *La trame, la chaîne et la régulation: un outil pour les sciences sociales*, Barcelona, 1988. Trabalho apresentado no Colloque International sur la Théorie de la Regulation, 1988 (mimeo).
- MOLLENKOPF, J. Constrasting paths toward the post-industrial city. In: *The contested city*. Princeton, Princeton Univ. Press, 1983.
- NABUCO, M.R. A reestruturação industrial e seus efeitos sobre a divisão internacional do trabalho. In: CARLEIAL, L. & NABUCO, M.R. (org.) *Transformações na divisão inter-regional do trabalho no Brasil*. São Paulo/Fortaleza/Belo Horizonte, ANPEC/CAEN/CEDEPLAR, 1989.
- NELSON, K. Labor demand, labor supply and the suburbanization of low-wage office work. In: SCOTT, A. J. & STORPER, M: *Production, work, territory*. Boston, Allen & Unwin, 1986.
- NOYELLE, T. The implications of industry restructuring for spatial organization in the United States. In: MOULAERT, F. & SALINAS, P.W.(eds.) *Regional analysis and the new international division of labor*. Boston, Kluwer – Nijhoff Publishing, 1983a.
- . The rise of advanced services. Chapel-Hill, *Journal of the America Planning Association*, 45 (3): 280-290, 1983b.
- PIORE, M.J. & SABEL, C.F. *The second industrial divide*. New York, Basic Books, 1984.
- RATTNER, H. Tendências e perspectivas da economia industrial. In: CARLEIAL, L. & NABUCO, M.R. (orgs.). *Transformações na divisão inter-regional do trabalho no Brasil*. São Paulo/Fortaleza/Belo Horizonte, ANPEC/CAEN/CEDEPLAR, 1989.
- SASSEN – KOOB, S. *Issues of core and periphery: labor, migrations and the new international division of labor*, 1986a (mimeo).
- . New York City: economic restructuring and imigration. Londres, *Development and Change*, 17(1): 85 – 119, jan., 1986b.
- SCOTT, A. industrial organization and location: division of labor, the firm, and spatial process. *Woroster, Economic Geography*, 62 (3): 215-231, july, 1986.
- WARD, T. De la crise rampante à la rupture: le Royaume-Uni. In: BOYER, R. (org.) *La flexibilité du travail en Europe*. Paris. La Découverte, 1986.

(Originais recebidos em julho de 1989).